

Entre o Sim e o Não

Material orientador para
utilização do método-clínico
piagetiano por professores



RITA MELISSA LEPRE
EDUARDO SILVA BENETTI
BIANCA DE OLIVEIRA

Bauru - SP
2022

APRESENTAÇÃO

O material orientador que apresentamos é resultado de estudos e pesquisas realizados junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Moral e Educação (GEPEDEME) e tem como objetivo oferecer aos professores da educação básica, que pesquisam o desenvolvimento do juízo moral em crianças, um material resumido sobre o método clínico piagetiano e uma atividade para ser realizada com a crianças antes do interrogatório, visando sensibilizar e estimular a criança a falar quando questionada pelo entrevistador, indo além do sim e do não.



Esse material não substitui a necessidade da leitura atenta dos estudos piagetianos sobre o método clínico e sua aplicação, na íntegra, mas oferece um resumo básico e uma atividade para ser desenvolvida com a criança antes da aplicação do método.



O GEPEDEME oferece, periodicamente, cursos de extensão para a formação continuada de professores, com foco no desenvolvimento moral e na educação em valores. Se quiser conhecer nosso trabalho, siga-nos no Instagram @gepedeme.unesp.bauru

CONTATO

Prof.^a Dr.^a Rita Melissa Lepre – Professora associada junto ao Departamento de Educação, da Faculdade de Ciências, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Bauru.
E-mail: melissa.lepre@unesp.br

Bianca de Oliveira – Pedagoga, Mestre em Docência para a Educação Básica – Faculdade de Ciências – Unesp/Bauru.
E-mail: bianca.deoliveira3@gmail.com

Eduardo Silva Benetti – Professor de Educação Física, Pedagogo – mestrando em Docência para a Educação Básica – Faculdade de Ciências – Unesp/Bauru.
E-mail: eduardo.benetti@unesp.br



UMA PALAVRA AOS PROFESSORES QUE PESQUISAM O PENSAMENTO INFANTIL

Pesquisar o pensamento das crianças é um tema recorrente na Psicologia, na Educação e em outras áreas das ciências humanas. Entre as diversas e diferentes possibilidades de se pesquisar o que pensam as crianças, enquanto sujeitos ativos na construção de seus conhecimentos, estão as investigações realizadas pelo epistemólogo genebrino Jean Piaget.

Ao iniciar seus estudos sobre o desenvolvimento do pensamento infantil Piaget percebeu que os métodos utilizados, como por exemplo os testes de Q.I., adotavam concepções rígidas sobre os parâmetros de avaliação e classificação dos níveis de inteligência na criança (BAMPI, 2006; QUEIROZ e LIMA, 2010) e não atingiam toda a potencialidade do raciocínio infantil. Com base nessa percepção, aliada a estudos e pesquisas, Piaget desenvolveu o método clínico piagetiano.



O método piagetiano é clínico no sentido de ir além do óbvio, da resposta estereotipada, buscando compreender o ponto de vista da análise do sujeito. As características gerais das explicações, a maneira como o indivíduo resolve os problemas apresentados, como chega às suas explicações, buscando também perceber se guarda coerência, se manifesta contradições, e também, de forma mais peculiar, o que há de criatividade nas respostas, mas, ainda assim, sem afastar-se do sujeito epistêmico. (QUEIROZ e LIMA, 2010, p. 111)

Com o intuito de compreender o funcionamento e o conteúdo do pensamento infantil Piaget faz uso do Método Clínico, procedimento este que até então tinha sua aplicação restrita à medicina, mas que Piaget sistematiza, reformula e adequa para estudar o pensamento infantil.

O interesse do epistemólogo no Método Clínico deve-se à sua insatisfação com os procedimentos de coleta e análise das respostas das crianças, categorizando-as em corretas ou incorretas; e à sua inquietação com os princípios norteadores das argumentações apresentadas.



Assim, o Método Clínico Piagetiano consiste em um procedimento de coleta e análise de dados que combina a observação seguida de um interrogatório com perguntas mais ou menos abertas cujo prosseguimento e aprofundamento dependem das respostas das crianças.

Conhecer o pensamento infantil exige a aproximação e o contato do adulto com o universo da criança, pois dependendo da abordagem realizada ela mostrará ou não o conteúdo de seu pensamento. Ademais, é preciso cautela ao analisar e julgar suas respostas para evitar a distorção por completo da orientação do seu espírito.

Por essa razão observar as crianças interagindo com seus pares e com os adultos e em momentos individualizados, prestando atenção no conteúdo de suas perguntas espontâneas, aparece como um procedimento importantíssimo para investigar o seu pensamento. Isso porque, o exame detalhado do conteúdo das perguntas espontâneas infantis revela os seus interesses e fornece indícios dos problemas por elas formulados, problemas esses que jamais o pesquisador pensaria ou que dificilmente formularia nos mesmos termos.

Investigar o pensamento infantil não consiste em fazer a criança responder, mas levá-la a falar livremente de modo que a partir do diálogo estabelecido, seja possível descobrir, pouco a pouco, as tendências espontâneas de seu pensamento, sempre cuidando para não direcioná-las e impedi-las ou ainda induzi-las. Nesse sentido, investigar o pensamento infantil significa situar todo o conteúdo de seu pensamento em um contexto mental que ajude a criança participar de forma refletida, com base em seu próprio conhecimento e vivência, fazendo uso de sua própria estrutura cognitiva e afetiva.

Por essa razão, o pesquisador precisa buscar estratégias que aproximem a criança afetivamente do tema investigado, pois o pensamento da criança não é tão socializado quanto o do adulto. Para isso, é imprescindível reconhecê-la em sua própria perspectiva, considerando suas estruturas, seus conhecimentos e suas hipóteses. Além disso, o pesquisador precisa saber perguntar, uma vez que toda pergunta contém sua solução na maneira como é feita! Ou seja, a forma como a pergunta é elaborada e apresentada para a criança influenciará sua motivação em respondê-la e na mobilização de seu raciocínio em determinada direção

A este respeito Piaget (1926/2005) recomenda que os pesquisadores tomem como ponto de partida algumas perguntas espontâneas elaboradas pelas crianças da mesma idade ou mais jovens e aplique a própria estrutura dessas perguntas àquelas que se pretende fazer às crianças tomadas como sujeitos da investigação.

Além de saber perguntar o pesquisador precisa ter cuidado ao analisar as respostas fornecidas pelas crianças, por isso, é imprescindível saber situar cada resposta em seu contexto mental, uma vez que as crianças podem apresentar diferentes tipos de respostas às perguntas que lhe são apresentadas.

Piaget (1926/2005) apresenta cinco categorias de respostas possíveis: (1) não-importismo, (2) fabulação, (3) crença sugerida, (4) crença espontânea e (5) crença desencadeada.

A cartoon illustration of a young boy with blonde hair, wearing a blue baseball cap with a yellow brim, a red t-shirt with a pink smiley face, and light blue shorts. He is smiling and has his hands raised. A grey speech bubble next to him contains the text 'Fiquem atentos a essas dicas'.

Fiquem atentos a essas dicas

Ao se fazer uma pergunta que não desafia ou não desperta o interesse da criança, causando-lhe aborrecimento e tédio, ao invés de motivação, esforço e diversão, há uma tendência muito forte de ela responder qualquer coisa e de qualquer maneira. Tem-se assim uma atitude de não-importa-o-que-ismo na resposta apresentada pela criança à questão, pois esta não provocou nenhum esforço de adaptação que orientasse seu raciocínio a uma atividade significativa e valorativa. “O não-importa-o-que-ismo nasce do tédio [...] só testemunha a incompreensão do sujeito examinado” (PIAGET, 2005, p.21)

No momento em que a criança apresenta uma resposta pouco refletida, inventando uma história qualquer, por uma simples atividade verbal há a fabulação. Esse tipo de resposta é superior à qualidade da resposta apresentada anteriormente, pois aqui já é possível observar alguma ocupação da criança em relação ao questionamento feito



Também é possível que a criança se esforce para responder à pergunta que lhe é feita, no entanto observa-se em sua resposta a busca por agradar o adulto ou certa indução da resposta, sem que venha a refletir sobre, nesse caso, tem-se a crença sugerida (PIAGET, 2005).



Quando a criança responde por ela mesma, de forma refletida e construída a partir de seu próprio conhecimento, de sua própria estrutura cognitiva e afetiva e de suas hipóteses, há a crença desencadeada. Esse tipo de resposta é motivado pelo diálogo questionador e provocativo estabelecido com a criança, uma vez que a própria forma de se elaborar e apresentar a pergunta à criança mobiliza seu raciocínio bem como a sistematização de seu saber a determinada direção. Assim, a crença desencadeada é o produto original do pensamento da criança.





Há a crença espontânea quando a resposta da criança resulta de uma reflexão anterior e original. Trata-se de uma resposta imediata e espontânea, porque já formulada e formulável. (PIAGET, 2005)

Há diferentes maneiras de induzir a resposta de uma criança de forma direta ou indireta: a sugestão por insistência e a sugestão por palavra são algumas dessas maneiras.

Por essa razão, insistimos na importância de se conhecer a linguagem infantil para elaborar as perguntas nessa linguagem, fazendo uso de um vocabulário conhecido pela criança e usado por ela a fim de evitar todo e qualquer tipo de sugestão. Isso porque, a atitude da criança diante do questionamento feito revela que este não lhe pertence e não lhe interessa, por isso, ela procura responder na perspectiva do adulto.

O objetivo do método clínico piagetiano não é encontrar erros e acertos, mas conhecer os processos cognitivos que geraram tais respostas (CARRANHER, 1989)



REFERÊNCIAS

BAMPI, M. A. M. O método clínico experimental de Jean Piaget como referência para o conhecimento do pensamento infantil na avaliação psicopedagógica. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação da Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

CARRANHER, T.N. O método clínico: usando os exames de Piaget. São Paulo, SP: Cortez Editora, 1989

MACEDO, L. **Ensaio construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MARQUEZINI, C. O método clínico piagetiano e sua aplicação em pesquisas sobre desenvolvimento moral: revisão de literatura. *Schème*, Marília, SP, v. 9, n. 2, p. 36-57, ago./dez., 2017.

PIAGET, J. **A representação do mundo na criança (1926)**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005.

QUEIROZ, K. J. M.; LIMA; V. A. A. Método Clínico piagetiano nos estudos sobre Psicologia Moral: o uso de dilema. *Schème*. Volume 3, Número 5 – Jan-Jul/2010.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

Canva -Creative Commons



ABAIXO PROPOMOS UMA ATIVIDADE PARA SER REALIZADA COM A CRIANÇA ANTES DO INTERROGATÓRIO.

O OBJETIVO É SENSIBILIZÁ-LA E ESTIMULÁ-LA A EXPRESSAR SEUS PENSAMENTOS EM PALAVRAS.

É SEMPRE IMPORTANTE LEMBRAR QUE MATERIAS ORIENTADORES SÃO BREVES RESUMOS E QUE É ALTAMENTE RECOMEDÁVEL ESTUDAR OS TEXTOS ORIGINAIS PARA PREPARAR SEUS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.

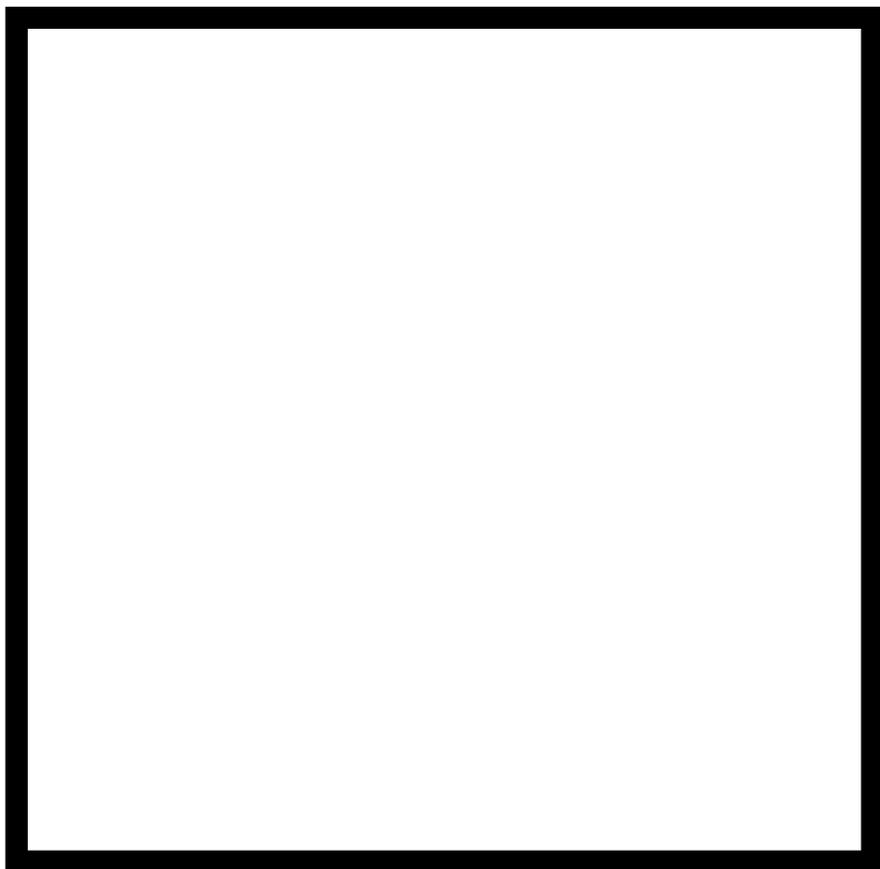
ESPERAMOS QUE ESTE MATERIAL INSPIRE PROFESSORAS E PROFESSORES QUE PRETENDEM UTILIZAR O MÉTODO CLÍNICO PIAGETIANO PARA COMPREENDER O PENSAMENTO INFANTIL!



ENTRE O SIM E O NÃO

Entre o sim e o não tem muita coisa no meio!
Assim como entre o nosso pé e a nossa cabeça, tem o tornozelo, o joelho, a cintura, o peito (com coração batendo), o pescoço!

Vamos desenhar uma pessoa dos pés até a cabeça
para lembrar quanta coisa tem?



ENTRE O SIM E O NÃO

Entre o sim e o não tem muitas palavras escondidas querendo ser ditas. Palavras que outras pessoas também querem ouvir para saber sobre os pensamentos que estão dentro da sua cabeça.

Você consegue dizer algumas palavras que estão dentro da sua cabeça nesse momento? Fale 06 palavras que estão aí dentro, no seu pensamento, e eu vou anotar aqui para olharmos juntos para elas!

1.

2.

3.

4.

5.

6.

Quantas coisas interessantes existem dentro da cabecinha das crianças! Mas, não dá para quem está do lado de fora ver o que tem lá dentro. Só se as pessoas tivessem visão de raio X. Mas, nem assim daria para ver porque os pensamentos e os sentimentos não têm uma forma que possa ser vista!

Pensamentos e sentimentos só podem ser transformados em palavras por quem sente!

Não dá para ver os sentimentos e pensamentos... Então, o que é possível fazer para que o outro saiba o que eu estou pensando ou sentindo?



Quando queremos mostrar ao outro o que estamos pensando e sentindo, precisamos falar. Mesmo que as palavras, às vezes, não consigam expressar certinho aquilo que queremos dizer. Não tem problema! O importante é falar!

Existem outras formas de se expressar, além da palavra: o desenho, os gestos, as brincadeiras... São todas formas também importantes e legais, mas nessa conversa escolhemos a “palavra” como personagem principal!

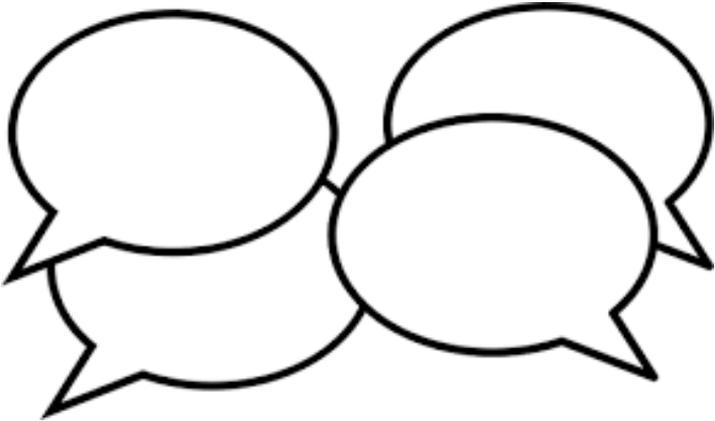
Você aceita responder algumas perguntas para que eu possa conhecer um pouco sobre o seu pensamento?

É muito importante que você saiba que não existe certo ou errado na suas respostas e que o que interessa é entender o seu pensamento!

Responder apenas sim ou não para uma pergunta não ajuda muito o outro a entender seu pensamento. Por isso, deixe o outro saber o que está entre o seu sim e o seu não! Solte o que está no seu pensamento, por meio da palavra, e quanta coisa legal poderá surgir disso tudo!



VAMOS LÁ?



**MATERIAL DIDÁTICO
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA**